



Vir bonus peritissimus aequè

Estudos de homenagem a Arnaldo do Espírito Santo



Maria Cristina Pimentel e Paulo Farmhouse Alberto (eds.)



Vir bonus peritissimus aequè

Título:

Vir bonus peritissimus aeque.

Estudos de homenagem a Arnaldo do Espírito Santo

Edição de:

Maria Cristina Pimentel

Paulo Farmhouse Alberto

Revisão: Ana Matafome, Ricardo Nobre e Rui Carlos Fonseca

Publicado por:

Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa

Alameda da Universidade

1600-214 Lisboa – Portugal

Tel.: (351) 217 920 005

Fax: (351) 217 920 080

E-mail: centro.classicos@fl.ul.pt

Website: <http://www.fl.ul.pt/cec>

Paginação e impressão:

Grifos – Artes Gráficas, Lda.

Capa: Paulo Pereira

Foto de capa: José Furtado

Número de exemplares: 500

Lisboa | 2013

ISBN: 978-972-9376-29-0

Depósito Legal: 366077/13

Vir bonus peritissimus aequē.

**Estudos de homenagem
a
Arnaldo do Espírito Santo**

**Maria Cristina Pimentel
Paulo Farmhouse Alberto
(eds.)**

Centro de Estudos Clássicos

**LISBOA
2013**



De amicitia loquamur

*Est enim amicitia nihil aliud nisi omnium
diuinarum humanarumque rerum
cum beniuolentia et caritate consensio.*

Cícero, *De Amicitia* 20.

Permitam-nos que comecemos, ao jeito clássico da *captatio beneuolentiae*, por partilhar com os leitores deste volume a nossa intenção expressa de que estas palavras prévias estejam longe da alguma frieza e convencionalidade que habitualmente caracterizam os prefácios de obras similares. Falamos de um colega. Mais, muito mais: falamos de um Amigo, o Arnaldo do Espírito Santo.

Observemos o seu *curriculum uitae*: um currículo impressionante, que dá conta da carreira notável de um investigador e mestre, empenhado em, com o seu saber, dar prestígio à sua Universidade e afirmar a pluralidade e confluência de conhecimentos que, decerto como em nenhuma outra área, fazem dos Estudos Clássicos matriz e fundamento essencial da cultura. Várias décadas de vida académica de Arnaldo do Espírito Santo traduzem-se em centenas de livros (edições críticas, traduções...), artigos, comunicações, palestras, coordenação e participação em projectos, aconselhamento e orientação científicas, funções de direcção institucional, e reflectem-se na faixa cronológica alargada, bem como no amplo espectro dos temas sobre os quais tem trabalhado. Todas essas circunstâncias demonstram a excepcionalidade de um investigador que realiza efectivamente aquilo que, hoje, é já muito raro: ser voz autorizada tanto nos estudos gregos como nos latinos (associando-lhes a formação teológica e o conhecimento do hebraico), tanto na Antiguidade Clássica como na Idade Média e no Renascimento, tanto nos clássicos de expressão latina como nos portugueses, com especial relevo para Camões e o seu tão amado Padre António Vieira.

Nem sempre o mundo académico é cego para com o valor dos seus membros e Arnaldo do Espírito Santo conseguiu o reconhecimento dos seus pares. Um reconhecimento que, como seria de esperar relativamente a alguém que nunca fez nem quis fazer alarde do que investigava ou produzia, se foi consolidando todavia ao longo de décadas em múltiplas marcas de admiração e respeito científico: centenas de referências e citações de trabalhos seus em trabalhos de outros; prémios de tradução de línguas clássicas

que, segundo cremos, atingem um número jamais alcançado em Portugal; constantes apelos para que integrasse júris académicos, conselhos científicos de congressos e revistas, comissões de arbitragem científica; convites para que interviesse em encontros nacionais e internacionais; por fim, o reconhecimento da sua Universidade, que o quis nomear Professor Catedrático Emérito. Um professor emérito que continua a ir (quase) todos os dias à sua Faculdade e a dela sair pouco antes de ela fechar; que continua a orientar teses e programas de pós-doutoramento; que, sabendo também escolher as pessoas certas para com ele erguerem projectos de amplitude internacional, dá vida e dimensão ao Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, peça essencial da Faculdade de Letras para a sua projecção externa; que preside à Associação para o Desenvolvimento da FLUL, contribuindo efectivamente para a expansão e afirmação da Faculdade como uma escola de excelência.

Há, porém, outras marcas de reconhecimento que não se podem ler nem adivinhar nos *curricula vitae* e que, mesmo que lá tivessem lugar, o Arnaldo do Espírito Santo se recusaria a divulgar e admitir. Dizia alguém, com justiça, na reunião do Conselho Científico da FLUL que o consagrou Professor Emérito, que, se houvesse algum concurso de pessoas a quem são dirigidas palavras de agradecimento em teses e trabalhos publicados, Arnaldo do Espírito Santo ganharia decerto a palma da vitória. De facto, esses agradecimentos retribuem a sua atitude constante para com todos os que dele se acercam a pedir ajuda, conselho, orientação: são os textos que lhe pedem que traduza (porque não se sabe grego ou latim, ou porque o texto é demasiado difícil...); é a orientação bibliográfica que se requer (quantas vezes acompanhada de empréstimo de livros, mesmo com o risco, tantas vezes concretizado e ainda assim generosamente assumido, de que eles fiquem esquecidos *ad aeternum* nas casas de adopção); é a leitura crítica de textos de conferências ou artigos que se solicita (“Vê lá se eu não digo para aí alguma asneira!”); é o pedido de colaboração em aulas e seminários (“Tu é que podias ir falar aos meus alunos desse assunto, de que sabes muito mais do que eu”); são os longos debates de ideias, começados com um simples “gostava de ouvir a tua opinião sobre um tema em que ando a trabalhar”...

Esta evocação, não exaustiva, justifica amplamente o segmento do título deste volume, sugerido por um dos seus maiores amigos, o Professor Díaz de Bustamante: o Arnaldo do Espírito Santo é um *uir bonus. Peritissimus*, sim, e em igual medida, mas um perito que jamais pôs a carreira ou o prestígio pessoal – que nunca reclamou ou impôs – à frente da amizade leal para com os colegas e do cuidado e atenção constantes para com os alunos. Gerações e gerações de estudantes foram aprendendo a conhecer (e, por isso, a amar) as línguas clássicas pela mão e a orientação sábia de Arnaldo do Espírito Santo. Muitas vezes ouvimos antigos alunos, na alegria do encontro em colóquios e reuniões científicas, dirigirem-se-lhe para lhe dizerem: “o professor marcou o meu percurso académico”, ou “foi consigo que aprendi latim a sério e, finalmente, percebi a estrutura da minha língua-mãe”, ou, ainda, “foi o melhor professor que eu tive”.

O Arnaldo do Espírito Santo, discreto como sempre foi, se guarda no coração estas recordações luminosas, jamais as reconhecerá ou contará publicamente. Também por isso, não é de admirar que este Livro de Homenagem se tenha concretizado da forma que brevemente queremos evocar.

Quando pensámos em dedicar-lhe um volume de homenagem, quisemos que ele fosse surpresa para o homenageado: porque a sua contenção e reserva o fazem avesso a luzes de néon e celebrações (da sua pessoa, não das dos outros), e também porque a surpresa seria – será – uma forma de lhe mostrar, num instante nítido e muito claro,

a admiração e a amizade de todos os que quiseram colaborar ou associar o seu nome à homenagem: colegas e amigos, antigos alunos, mestres que teve e que ele reconhece como tal.

Lançado o desafio entre os que sabíamos mais próximos dele, as respostas que recebemos surpreenderam-nos profundamente: uma adesão massiva e entusiástica, que se traduziu em 100 participantes, de catorze Universidades e institutos nacionais, e de sete do estrangeiro. Da sua Universidade, a de Lisboa, recebemos colaboração de colegas oriundos de quatro Faculdades e Institutos. Da sua Faculdade, a de Letras, os estudos provieram de todas as áreas do saber que aí são cultivadas. Aos 96 ensaios oferecidos a Arnaldo do Espírito Santo, juntou-se uma longa lista com os nomes daqueles que, não podendo colaborar com um texto, quiseram significar na *tabula gratulatoria* a amizade e estima que por ele sentem.

A nível institucional, além do enquadramento financeiro da FCT, também contamos com a excepcional generosidade da Reitoria da Universidade de Lisboa e da Direcção da nossa Faculdade de Letras, o que nos permite ajuizar do mérito reconhecido a Arnaldo do Espírito Santo.

Devemos, também, um justíssimo agradecimento à Perfacil e aos seus responsáveis, Dr.^a Rosalina Marques e Dr. António Leite Marques, cujo mecenato traduz não só o amor aos Estudos Clássicos, mas é igualmente penhor da grande amizade que sentem por Arnaldo do Espírito Santo.

O resultado de um processo em que tantos tão empenhadamente se envolveram ao longo de mais de um ano está agora materializado nestas muitas centenas de páginas que, pela amplitude cronológica e temática dos textos, de certo modo espelham também a erudição esclarecida e abrangente do homenageado.

Companheiros próximos de uma mesma caminhada, cúmplices no fascínio pelas “coisas” clássicas e no amor à Universidade, coube-nos a nós, mais de perto, celebrar a amizade e mostrar ao Arnaldo do Espírito Santo o apreço que todos temos por ele. Também por isso lhe estamos gratos.

MARIA CRISTINA PIMENTEL
PAULO FARMHOUSE ALBERTO



Tabula Gratulatoria

A. A. Marques de Almeida
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Abel N. Pena
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Adriana Veríssimo Serrão
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Aires A. Nascimento
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Alcinda Pinheiro de Sousa
Centro e Departamento de Estudos Anglísticos
da Universidade de Lisboa

Alexandra Flôr Pauzinho Carço
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Américo Pereira
Universidade Católica Portuguesa /
Faculdade de Ciências Humanas

Amílcar Guerra
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa /
UNIARQ – Centro de Arqueologia
da Universidade de Lisboa

Ana Alexandra Alves de Sousa
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Ana Cristina Silva
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Ana Filipa Gomes Ferreira
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Ana Filipa Isidoro da Silva
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Ana Lúcia Curado
Universidade do Minho

Ana Margarida Almeida
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Ana Maria C. M. Jorge
Faculdade de Teologia da
Universidade Católica

Ana Maria dos Santos Lóio
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Ana María Sánchez Tarrío
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Ana Matafome
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Ana Paula Banza
Universidade de Évora

Ana Paula Laborinho
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Ana Raquel Pereira Aires
Colégio de São Tomás

Ana Sofia Albuquerque e Aguilar
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

André Fernandes Jorge
Livros Cotovia

André Simões
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Ángel Urbán Fernández
Catedrático de Filología Griega de la
Universidad de Córdoba

Angélica Varandas
Universidade de Lisboa

António Avelar
Instituto de Cultura e Língua Portuguesa da
Universidade de Lisboa

António Borges Coelho
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

António de Castro Caeiro
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da
Universidade Nova de Lisboa /
Unidade de I&D Linguagem, Interpretação e Filosofia /
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

António Feijó
Vice-Reitor da Universidade de Lisboa

António J. G. de Freitas
Centro de Estudos Humanísticos da
Universidade do Minho

António José Leite Marques
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa /
Perfacil

António Manuel Lopes Andrade
Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro

António Manuel Ribeiro Rebelo
Faculdade de Letras da
Universidade de Coimbra

António Manuel Saraiva Lopes
IGOT-UL – Instituto de Geografia e
Ordenamento do Território da
Universidade de Lisboa

António Maria Martins Melo
Universidade Católica Portuguesa – Braga

António Pedro Mesquita
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

António Pires Ventura
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Armando Senra Martins
Universidade de Évora /
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Belmiro Fernandes Pereira
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Bernardo Mota
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Bernardo Vasconcelos e Sousa
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da
Universidade Nova de Lisboa

Carlo Santini
Università degli Studi di Perugia

Carlos A. M. Gouveia
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa /
Instituto de Linguística Teórica e Computacional

Carlos Ascenso André
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Carlos de Miguel Mora
Universidade de Aveiro

Carlos Fabião
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa /
UNIARQ – Centro de Arqueologia da
Universidade de Lisboa

Carlos Mesquita Severino
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Carlos Morais
Universidade de Aveiro

Carlos Neto
IGOT – Instituto de Geografia e
Ordenamento do Território da
Universidade de Lisboa

Carlota Miranda Urbano
Universidade de Coimbra

Carmen Codoñer
Universidad de Salamanca

Carmen Soares
Universidade de Coimbra /
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

Catarina Gaspar
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos
da Universidade da Madeira

Cláudia Raquel Cravo Silva
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da
Universidade de Coimbra

Cláudia Teixeira
Universidade de Évora /
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da
Universidade de Coimbra

Cristina Abranches
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Cristina Almeida Ribeiro
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Cristina Costa Gomes
Centro Científico e Cultural de Macau, IP /
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Cristina Duarte
Escola Secundária de Camões /
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Cristina Santos Pinheiro
Universidade da Madeira /
Centro Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Cristina Sobral
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa /
Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

David Paniagua
Universidad de Salamanca /
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Delfim Ferreira Leão
Instituto de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Departament de Filologia Llatina,
Facultat de Filologia,
Universitat de Barcelona

Departamento de Ciencias de la
Antigüedad y de la Edad Media,
Universidad de Córdoba

Departamento de Filología Clásica
de la Universidad de Cádiz

Dimas de Almeida
Universidade Lusófona

Diogo Abreu
Centro de Estudos Geográficos /
IGOT - Instituto de Geografia e
Ordenamento do Território da
Universidade de Lisboa

Domingos Lucas Dias
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Elsa Gonçalves
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Emília Maria Rocha de Oliveira
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa /
Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro

Emília Salvado Borges
Centro de História da Universidade de Lisboa

Fátima Freitas Morna
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Fernando J. B. Martinho
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Fernando Pinto do Amaral
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Fotini Hadjittofi
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Francisco Caramelo
Centro de História de Além-Mar da
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da
Universidade Nova de Lisboa

Francisco Contente Domingues
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Francisco Oliveira
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da
Universidade de Coimbra

Frederico Lourenço
Universidade de Coimbra

Gabriel Silva
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Gemma Avenoza Vera
Universitat de Barcelona

Giuseppe Ciafardone
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Guilhermina Jorge
Departamento de Linguística Geral e Românica da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Helena Carvalhão Buescu
Universidade de Lisboa

Helena de Carlos
Universidad de Santiago de Compostela

Hélia Correia
Escritora

Hélio Silva
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Henrique Leitão
Centro Interuniversitário de
História das Ciências e Tecnologia da
Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa

Henrique Manso
Universidade da Beira Interior

Hermenegildo Fernandes
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Inês Duarte
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa /
Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

Inês de Ornellas e Castro
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da
Universidade Nova de Lisboa

Isabel Almeida
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa /
Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos

Isabel Fernandes
CEAUL / ULICES – Centro de Estudos Anglisticos
da Universidade de Lisboa

Isabel Graça
Professora do Ensino Básico e Secundário

Isabel Matos Dias Caldeira Cabral
Centro de Filosofia da Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa

Isabel Murta Pina
Centro Científico e Cultural de Macau, IP

Ivan Neves Figueiras
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Ivo Castro
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

J. Filipe Ressurreição
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

João Beato
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

João David Pinto Correia
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

João de Almeida Flor
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

João Dionísio
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

João Ferreira Duarte
Universidade de Lisboa

João Manuel Nunes Torrão
Universidade de Aveiro

João R. Figueiredo
Universidade de Lisboa

Joaquim Cerqueira Gonçalves
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Joaquim Pinheiro
Universidade da Madeira /
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da
Universidade de Coimbra

Jorge Alves Osório
Professor Catedrático da
Faculdade de Letras da Universidade do Porto (aposentado)

Jorge Rui Lopes Ribeiro Mendes
Ministério do Equipamento Social

José A. Sánchez Marín
Universidad de Granada

José Augusto Cardoso Bernardes
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

José Augusto Ramos
Centro de História da Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa

José Barata-Moura
Universidade de Lisboa

José Cândido de Oliveira Martins
Faculdade de Filosofia da
Universidade Católica Portuguesa

José Cardim Ribeiro
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa /
Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas

José Carlos Araújo
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

José Carlos Seabra Pereira
Universidade de Coimbra

José Carracedo Fraga
Universidad de Santiago de Compostela

José da Silva Horta
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

José d'Encarnação
Universidade de Coimbra

José das Candeias Sales
Universidade Aberta /
Centro de História da Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa

José Guillermo Montes Cala
Universidad de Cádiz

José Luís Brandão da Luz
Universidade dos Açores

José Luís Lopes Brandão
Universidade de Coimbra

José Manuel Díaz de Bustamante
Universidad de Santiago de Compostela

José Manuel Mendes
Teatro da Cornucópia

José María Maestre Maestre
Universidad de Cádiz

José Maria Silva Rosa
Universidade da Beira Interior

José Marques
Professor Catedrático da
Faculdade de Letras da Universidade do Porto (aposentado)

José Mattoso
Universidade Nova de Lisboa

José Nunes Carreira
Universidade de Lisboa

José Pedro Moreira
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

José Pedro Paiva
Universidade de Coimbra

José Pedro Sousa Dias
MUHNAC – Museu Nacional de
História Natural e da Ciência /
Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa

José Pinto de Lima
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

José Ribeiro Ferreira
Universidade de Coimbra

José Sílvio Moreira Fernandes
Universidade da Madeira

José Tolentino Mendonça
Universidade Católica Portuguesa

José Varandas
Centro de História da Universidade de Lisboa

Juan Gil
Real Academia Española

Júlia Dias Ferreira
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Kelly Benoudis Basilio
Centro de Estudos Comparatistas da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Leonel Ribeiro Santos
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa /
Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa

Luís Filipe Barreto
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa /
Centro Científico e Cultural de Macau, IP

Luís Lima Barreto
Teatro da Cornucópia

Luís Miguel Cintra
Teatro da Cornucópia

Luís Tiago Alves Pires
Universidade de Estudos Estrangeiros de Tianjin

Luísa de Nazaré Ferreira
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da
Universidade de Coimbra

Luísa Maria Flora
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Madalena Brito
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Mafalda Maria Leal de Oliveira e Silva Frade
Universidade de Aveiro

Manuel Alexandre Júnior
Professor catedrático jubilado da Universidade de Lisboa /
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Manuel Cândido Pimentel
Universidade Católica Portuguesa

Manuel E. Vázquez Buján
Universidad de Santiago de Compostela

Manuel Ferreira Patrício
Universidade de Évora /
Academia de Ciências de Lisboa

Manuel Ferro
Universidade de Coimbra /
Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos

Manuel Frias Martins
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Manuel J. Carmo Ferreira
Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa

Manuel José de Sousa Barbosa
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Manuel Rodrigues
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da
Universidade Nova de Lisboa

Manuela Alves Dias
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Manuela Domínguez García
Universidad de Santiago de Compostela

Manuela Ribeiro Sanches
Centro de Estudos Comparatistas da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Manuela Santos Silva
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Marc Mayer i Olivé
Institut d'estudis Catalans /
Universitat de Barcelona

Margarida Madureira
Centro de Estudos Comparatistas da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Margarida Miranda
Universidade de Coimbra

Maria Adelaida Andrés Sanz
Universidad de Salamanca

Maria Adelina Amorim
Centro de História da Universidade de Lisboa

Maria Alegria Fernandes Marques
Universidade de Coimbra

Maria Alice Gomes da Costa
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Maria Assunção A. D. Pinto Correia
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Maria da Graça Reino Pires Ribeiro Mendes
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Maria de Fátima Silva
Instituto de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Maria de Lourdes A. Ferraz
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Maria de Lourdes Correia Fernandes
Universidade do Porto

Maria do Céu Fialho
Universidade de Coimbra /
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

Maria do Céu Fraga
Universidade dos Açores /
Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos

Ir. Maria Eliete Duarte
Paulinas Editora

María Elisa Lage Cotos
Universidad de Santiago de Compostela

Maria Fernanda Brasete
Universidade de Aveiro

Maria Fernandes
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa /
Centro de História da Universidade de Lisboa /
Centro de Estudos de História Religiosa da
Universidade Católica Portuguesa

Maria Helena da Cruz Coelho
Universidade de Coimbra

Maria Helena Rocha Pereira
Universidade de Coimbra

Maria Helena Serôdio
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Maria Idalina Resina Rodrigues
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Maria Isabel Rocheta
CLEPUL / Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa

Maria João Almeida
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Maria João Toscano Rico
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Maria José Grosso
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Maria José Mendes e Sousa
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Maria Lucília Gonçalves Pires
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Maria Luísa Ribeiro Ferreira
Universidade de Lisboa /
Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa

Maria Madalena Fernandes Simões Reis
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Maria Mafalda Viana
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

María Nieves Muñoz Martín
Universidad de Granada

Maria Renée Pareja Gomes
ex-União Latina

Maria Teresa Nascimento
Universidade da Madeira

Maria Vitalina Leal de Matos
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Mariana Vieira
University of Edinburgh

Marília Futre Pinheiro
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Marina Castanho
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Mário Avelar
Universidade Aberta

P. Mário Garcia, SJ
Professor Associado da
Universidade Católica Portuguesa
Faculdade de Filosofia de Braga

Miguel Corrêa Monteiro
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Miguel Tamen
Universidade de Lisboa

Nair de Nazaré Castro Soares
Universidade de Coimbra

Nuno Simões Rodrigues
Universidade de Lisboa

Paolo Fedeli
Professore Emerito nell'
Università degli Studi 'Aldo Moro' di Bari

Paula Barata Dias
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da
Universidade de Coimbra

Paula Morão
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Paulo Borges
Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa /
Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa

Paulo Farmhouse Alberto
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Paulo Sérgio Margarido Ferreira
Universidade de Coimbra

Paulo Simões Rodrigues
Universidade de Évora

Pedro Braga Falcão
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Pedro Marques
UNIARQ – Centro de Arqueologia da
Universidade de Lisboa

Rafael J. Gallé Cejudo
Universidad de Cádiz

Raul Miguel Rosado Fernandes
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Ricardo Duarte
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Ricardo Lopes Coelho
Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa

Ricardo Nobre
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Rita Marnoto
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra /
Colégio das Artes da Universidade de Coimbra

Rodrigo Furtado
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Rosalba Dimundo
Università degli Studi 'Aldo Moro' di Bari

Rosalina Marques
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa /
Perfacil

Rui A. Costa Oliveira
Centro de Investigação em Ciências das Religiões
da Universidade Lusófona

Rui Carlos Fonseca
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Rui Ramos
Instituto de Ciências Sociais da
Universidade de Lisboa

Sandra Pereira Vinagre
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Samuel Dimas
Universidade Católica

Saul António Gomes
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra /
Centro de História da Sociedade e da Cultura

Sebastião Tavares Pinho
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Serafina Martins
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Sérgio Campos Matos
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Silvina Pereira
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Sofia Frade
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Susana Hora Marques Pereira
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Tatiana Faia
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Telmo Corujo dos Reis
Universidade da Madeira /
Centro Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

† Teresa Amado
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Teresa Barata Salgueiro
IGOT – Instituto de Geografia e
Ordenamento do Território da
Universidade de Lisboa

Teresa Cid
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Teresa de Ataíde Malafaia
Departamento de Estudos Anglisticos
da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa /
Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa

Teresa M. L. R. Cadete
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Teresa Seruya
Departamento de Estudos Germanísticos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Tom Earle
University of Oxford

Vanda Anastácio
Universidade de Lisboa /
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Victor S. Gonçalves
UNIARQ – Centro de Arqueologia da
Universidade de Lisboa

Violeta Pérez Custódio
Profesora Titular de Filología Latina de la
Universidad de Cádiz

Virgínia Soares Pereira
Universidade do Minho

Vitalino Valcárcel
Universidad del País Vasco

† Vítor Manuel Ferreira Morgado
Universidade de Coimbra /
École Nationale des Ponts et Chaussées – Paris /
Universidade do Porto

Vítor Serrão
Instituto de História de Arte da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Zulmira C. Santos
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Loca multum ante descripta.
Sobre um passo da Menina e moça

RITA MARNOTO
Faculdade de Letras da
Universidade de Coimbra
rmarnoto@fl.uc.pt

No passeio que deu ao largo de Nápoles quando em 1343 se deslocou a essa cidade como embaixador pontifício, Petrarca mostra-se sobremaneira fascinado pela carga histórico-literária dos lugares visitados, realçando o olhar que no passado lhes fora dirigido por Virgílio e Homero: “Vidi loca a Virgilio et, quod maxime mircris, ab Homero multum ante descripta”¹. Mais de seis séculos volvidos, a admiração que nos é proporcionada pelo passo da *Menina e moça* de que nos iremos ocupar tem algo de semelhante. Também a paisagem literária que Bernardim Ribeiro coloca perante os nossos olhos foi anteriormente visitada por ilustríssimos autores.

Os *loca* que aqui estão em causa são concepções de mundo associadas a uma determinada formulação textual. Na novela de Bernardim Ribeiro, o episódio de Avalor e Arima inicia-se com a apresentação de Arima, dotada de atributos tão perfeitos, que “nam eram de cousa mortal”, expressão sobre a qual iremos concentrar a nossa atenção:

Arima<,> que assi se chamava a menina senhora criada da Ama, neste meo tempo fesse a mais fermosa cousa do mundo<> Sobre tudo o que ella tinha estremadamente sobre todas, era lhe natural hũa honestidade q̃e em muitas feita ainda a mão parece muito bẽ <> A sua mansidã nos seus ditos e nos seus feitos nam eram de cousa mortal, a sua fala e o toõ della soava doutra maneira que voz humana, que vos ei de dizer<> nam parece senam que se ajuntavam alli todas as prefeiçõis como que senam aviam da juntar mais nunca.²

Arima é a filha dos dois amantes desterrados, Lamentor e Belisa, dada à luz logo que chegaram ao lugar onde depois a menina encontra a dona do tempo antigo. Rea-

¹ *Fam.* 5. 4 na versão β, transcrita por MICHELE FEO, “*Inquietudini filologiche del Petrarca: il luogo della discesa agli inferi (storia di una citazione)*”, *Italia Medioevale e Umanistica*, 17, 1974, p. 118.

² BERNARDIM RIBEIRO, *História de menina e moça, reprodução facsimilada da edição de Ferrara, 1554*, ed. JOSÉ VITORINO DE PINA MARTINS, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, fl. lvi.

parecerá neste ponto mais avançado da narrativa, num episódio dotado de uma certa autonomia estrutural, que na edição de Évora ocupa os capítulos I e XI da segunda parte, onde se contam os amores de Avalor e Arima na corte real. Sem encontrarem um ponto de equilíbrio, terminam com a “sua ida: e de como Avalor tãbem apos ella se foi”, como se conta no romance *Pola ribeira dum rio* (fl. LXX-LXXI).

A expressão “nam eram de cousa mortal” conduz-nos, desde logo, ao mais antigo livro da cultura ocidental, a *Ilíada*, e às palavras proferidas por Príamo, no último canto do poema, quando com intrépida e amargurada coragem o ancião está prestes a dirigir-se à tenda de Aquiles para lhe pedir o corpo do seu filho predilecto, Heitor: Ἑκτορά θ', ὃς θεὸς ἔσκε μετ' ἀνδράσιν, οὐδὲ ἐώικει / ἀνδρός γε θνητοῦ πάϊς ἔμμεναι ἀλλὰ θεοῖο. (24. 258-259), o que, nas palavras do mais recente tradutor português de Homero, corresponde a: “[...] Heitor, que era um deus entre os homens / e não parecia filho de um mortal, mas de um deus!”³. No quadro do poema, a expressão remete por contraste para Aquiles, que o assassinou em combate enfurecido por ele ter matado o seu dilecto amante, Pátroclo. Na verdade, é Aquiles que tem origem divina, sendo filho da nereida Tétis. Heitor é filho de mortais, de Príamo, Rei de Tróia, e de Hécuba. Lembrara-o pouco antes Hera: “Heitor não passa de um mortal, amamentado por peito de mulher./ Porém Aquiles é filho de uma deusa [...]” (24. 58-59). Aliás, o contraste entre duas tipologias de heroísmo que depois se irão projectar pela cultura ocidental tinha vindo a percorrer todo o poema, até ao seu último canto. Ao irado Aquiles, que encarna um tipo de heroísmo ancestral, contrapõe-se um Heitor piedoso, baluarte dos grandes valores gregários e morais. Contudo, a *Ilíada* conclui-se com subtis sinais de uma contenção do choque entre essas duas esferas. Se por um lado nunca Príamo sentira os deuses tão próximos de si e dos seus sentimentos como no último canto da *Ilíada*, pois é com a sua ajuda que consegue obter o corpo do filho, por outro lado aquele mesmo Aquiles que ferozmente teimara em dilacerar o corpo de Heitor, arrastando-o à volta do túmulo de Pátroclo, em vão porque os deuses quiseram que fosse preservado incólume, acaba por o dar a seu pai, o inimigo troiano, e por respeitar as tréguas durante os dias do ritual fúnebre. Um tal desenlace mitiga, sem de forma alguma as aplacar, as tensões entre gregos e troianos, entre deuses e homens⁴. Heitor não parece filho de um mortal.

Esse mesmo 258.º verso do último canto da *Ilíada* é retomado em sentido moral pelo Aristóteles da *Ética a Nicómaco*, no início do sétimo livro. A condenação do que considera um dos maiores defeitos do homem no plano dos costumes, a bestialidade,

³ Trad. FREDERICO LOURENÇO, Lisboa, Cotovia, 2005, p. 482. Apesar de não ser objectivo deste trabalho apurar o conhecimento do poema homérico por parte de Bernardim Ribeiro, assunto que requereria pesquisas de outra ordem, note-se que, depois da tradução integral para latim da *Ilíada* e da *Odisseia* levada a cabo na primeira metade do século XIV por Leôncio Pilatos a instâncias de Petrarca, bem como das várias traduções parcelares feitas ao longo do século XV, a *Ilíada* é pela primeira vez dada aos prelos integralmente em tradução latina no ano de 1497, pela mão de Lorenzo Valla, que dela elabora uma versão em prosa com intuítos explicativos, depois de Demetrio Calcondila ter preparado a primeira edição do original grego, batida em 1488, à qual se seguirão as edições dos Manuzio de 1504, 1517 e 1521, a segunda das quais dotada de um valor canónico. Além disso, circulavam vários epítomes e reelaborações literárias dos poemas homéricos. No entanto, no ambiente cultural que dominava o Portugal da primeira metade do século XVI, as possibilidades da sua difusão eram reduzidas. Sobre a difusão moderna dos poemas homéricos, o trabalho mais completo continua a ser o de GEORG FINSLER, *Homer in der Neuzeit. Von Dante bis Goethe. Italien, Frankreich, England, Deutschland*, [1912] Hildesheim/New York, G. Olms, 1973.

⁴ KEITH STANLEY considera a perspectiva pan-helénica inerente ao desenlace da *Ilíada* resultado da sensibilidade do próprio Homero, quando reelabora materiais provindos de uma tradição tribal ancestral (*The Shield of Homer. Narrative and Structure in the “Iliad”*, Princeton, Princeton University Press, 1993).

tem por contraponto a exaltação daqueles valores sobre-humanos, da mesma feita heróicos e divinos, que o autor da *Ética* ilustra com a virtude excepcional de Heitor, tão determinado a alcançar a perfeição que não parece filho de um mortal, como dizia Príamo no verso que cita.

Associada por essa via ao tratado moral, a expressão passa para os Evangelhos. Marcos coloca a sua vertente afirmativa na boca de um centurião. Em causa, a estupefação que dele se apodera perante o sofrimento de Cristo na cruz e os fenómenos fora do vulgar, entretanto desencadeados, que acompanham a sua paixão: “Videns autem centurio, qui ex adverso stabat, quia sic clamans expirasset, ait: Vere hic homo Filius Dei erat” (Mc 15,39). O Seu reconhecimento, no ápice da paixão, como filho de Deus, situa-se na senda da doutrina cristológica da salvação através da mediação de Cristo, o filho de Deus feito homem. Para além das suas implicações religiosas, essa etapa de mediação tem implicações culturais muito particulares. Ao ser colocada na boca de um pagão do Império que reconhece Cristo como filho de Deus, a expressão que já em Homero teria ressonâncias pan-helénicas abre-se a um espectro universalizante.

Mas coube a Alberto Magno, o Doutor da Igreja que foi Santo e fundou o *studium* de Colónia, aprofundar e explorar as valências teológicas da expressão. Cita-a num dos seus mais importantes tratados, *De intellectu et intelligibili*, escrito na segunda metade do século XIII. Esta obra acompanha o grande interesse da cultura cristã pelo *Asclepius* de Hermes de Trismegisto, ora para o censurar, ora para nele descortinar a intuição de verdades cristãs. Santo Agostinho cita o *Asclepius* em sentido apologético, mas a forma como nele é concebido o carácter inefável do divino, a beleza e a santidade do mundo, e a dignidade do homem tiveram basta recepção em Teodorico de Chartres, Bernardo Silvestre e Álvaro de Lille. Contudo, é a Alberto Magno que se deve uma das suas mais equilibradas interpretações críticas, em termos que depois se irão projectar sobre o hermetismo de Nicolau de Cusa⁵. Desde logo reage ao imanentismo básico de Hermes, que identifica Deus com as coisas por Ele criadas. Deus é contido em si próprio, pleno e perfeito, e não pode sair da sua imobilidade, pois n’Ele estão todas as coisas. O universo é uno e nele se interrelacionam Deus, inteligências, céus e fenómenos do mundo sublunar criados por Deus, mas à margem de qualquer determinismo. Por um lado, a própria criatura participa da natureza divina, dada a capacidade de recepção do seu influxo. Por outro lado, Deus está na criatura, que O recebe segundo as suas possibilidades. Na verdade, os influxos celestes são recebidos de forma diferente pelos diversos corpos sublunares, conforme são mais ou menos perfeitos. Ora, a verdadeira essência da natureza do homem, ou seja, a parte da alma constituída pelo *intellectus divinus*, é o que o liga a Deus, mediatamente, conforme exposto no *Liber de intellectu et intelligibili*, o *intellectus*. Por ascese, a *via intellectualis* leva pelos vários graus de uma escada cujo último termo é o *intellectus divinus*: “Qui autem primo et divino intellectui coniunctus est, divinus est et optimus in scientiis et virtutibus, ita quod, sicut dixit Homerus, non videbitur viri mortalis filius esse, sed Dei. Et ideo dicit Hermes Trismegistus in libro de natura Dei deorum, quod homo nexus dei et mundi: quia per huiusmodi intellectum coniungitur Deo”⁶. Essa possibilidade de elevação através do

⁵ Sobre o assunto: PASQUALE ARFÉ, “Alberto Magno e Nicola Cusano interpreti dell’*Asclepius*”, *Nicolaus Cusanus zwischen Deutschland und Italien*, ed. MARTIN THURNER, Berlin, Akademie Verlag, 2002, pp. 129-152. Ver também: Alain de Libera, *Albert le Grand et la philosophie*, Paris, Vrin, 1990.

⁶ *Opera*, ed. PETRUM IAMMY, Lyon, Claudii Prodt., Petri & Claudii Rigaud, Frat., Hieronymi Delagarde, Ioan. Ant. Huguetan, 1651, 2. 9, vol. 5, p. 260.

intellectus faz do homem um intermediário entre o mundo sublunar e o celestial, de tal forma que a sua origem nem parece ser mortal, mas divina, “sicut dixit Homerus”. O Doutor da Igreja retoma a expressão completa da *Iliada*, para ilustrar o lugar ocupado pelo homem no universo, enquanto elo entre Deus e o mundo. Essa teoria liga-se à doutrina metafísica da centralidade e da responsabilização do homem, que só se pode realizar aproximando-se de Deus.

Daqui, a expressão passa para a literatura moderna pela mão de Dante Alighieri, que a imbuí das valências cristológicas inerentes à humanidade e à divindade que confluem no Salvador⁷. Nas primeiras páginas da *Vita nova*, depois de ter visto Beatrice, o amante exclama: “[...] certo di lei si potea dire quella parola del poeta Homero: ‘Ella non pareo figliuola d’uomo mortale, ma di Dio’” (1. 9)⁸. Beatrice é a intermediária entre Deus e os homens, enquanto *speculum Christi*, *speculum Dei*. A escolha de uma mulher-anjo como mediadora liga-se também ao filão mariano e a uma religiosidade feminina muito viva ao tempo de Dante, com Margherita da Cortona, Umiliana de’ Cerchi ou Giuliana Falconieri, figuras que dele seriam bem conhecidas. Beatrice, como o seu nome o diz, tem um papel de agente mediador activo (-trice) na transmissão da divina beatitude (*Bea-*). Através da sua presença, do seu olhar e da sua saudação (*saluto*), transmite ao amante níveis de conhecimento e proporciona-lhe formas de elevação interior que tinham vindo a ser aprofundados, há séculos, pela tradição patristica. O seu amor é a *caritas* da piedade e da mística cristã e a sua passagem pela terra uma epifania escandida pelo calendário litúrgico, que se conclui com o regresso à sua origem celeste. Ela própria recorda ao viajante da *Commedia* que na sua estadia terrena fora “cosa mortale” (*Purgatorio* 31. 53). Mas a Arima do episódio da *Menina e moça* não era coisa mortal.

Convirá que nos detenhamos sobre este assunto, pois no episódio de Avalor e Arima há certos elementos que reenviam para o *dolce stil novo*, como alguns críticos têm vindo a observar. Na verdade, o clima rarefeito que domina a história de um amor à distância envolve-o numa atmosfera própria de muitas das composições poéticas integradas nesse movimento, merecendo lugar à parte o caso de Cavalcanti. A referência à “natural honestidade” de Arima (cit. fl. LVI e também LIX) recorda um dos mais famosos sonetos da *Vita nova*, que começa, “Tanto gentile e tanto onesta pare/la donna mia quand’ella altrui saluta” (17. 5, p. 159). À semelhança de Beatrice, também Arima é apresentada como algo de “novo” e de nunca visto, pelos seus dotes, pelos seus gestos e pelo seu comportamento (“se ajuntavam alli todas as prefeições como que senam aviam da juntar mais nunca”, cit. fl. LVI; “[...] como nam era nunca dantes”, “[...] tam nova cousa”, “[...] parecia aquê lhavia que era a primeira”, fl. LXIII), e Avalor tudo faz para a poder contemplar. Mas se o modo como o assunto tem vindo a ser abordado requer um equacionamento mais específico de algumas questões, a primeira delas é colocada pela própria expressão que estamos a tratar.

Desde logo há a observar que Bernardim Ribeiro usa o segmento que é formulado negativamente, “nam eram de cousa mortal”, sem referir a semelhança com a

⁷ Ver VITTORE BRANCA, “Poetica del rinnovamento e tradizione agiografica nella *Vita nuova*” [1966], *Lecture Classensi*, 2, 1969, pp. 29-66.

⁸ Ed. GUGLIELMO GORNI, Torino, Einaudi, 1996, p. 12. Ver o comentário *ad loc.* desta edição, bem como da de DOMENICO DE ROBERTIS, *Opere minori*, Milano/Napoli, Ricciardi/Mondadori, vol. 1, 1995, pp. 33-34. Quem escreve teve oportunidade de dedicar um estudo de conjunto à obra, *A Vita nova de Dante Alighieri. Deus, o amor e a palavra*, Lisboa, Colibri, 2001, para o qual se remete.

divindade, nem atribuir directamente a Arima, ao longo das páginas deste episódio, qualquer dom celestial. Também no *Clarimundo* de João de Barros há uma personagem feminina chamada Arima, dotada da mesma “mansidão sossegada”, da mesma “mansidão descansada”⁹. Por sua vez, nessa mesma obra, a Rainha é dotada de uma “[...] fermosura [...] mais divina, que humana”¹⁰. Não quererá isto tão pouco dizer que Deus deixe de estar presente neste episódio da *Menina e moça*. Lamentor, ao despedir-se da filha, invoca Deus e o Céu (fls. LVIII-LVIII v).

Na concepção de amor exposta na *Vita nova*, a mediação da divindade pela mulher-anjo representa um componente *sine qua non* de um amor que por isso é *caritas*. Ora, essa comunicação *per speculum* que faz a beatitude do amante e contribui para o seu aperfeiçoamento é absolutamente estranha à história de Avalor e Arima. Arima não desempenha um papel activo nem encarna de forma alguma valências cristológicas. Neste caso, a comunicação entre os amantes é dificultada por vários obstáculos. Avalor nunca lhe consegue transmitir o seu amor através de palavras e o seu olhar perturba-o tanto que chega a desfalecer. Esse episódio, bem como o encobrimento dos seus sentimentos através da Senhora Deserdada, a intervenção do cavaleiro maldizente e das damas da corte ou o afastamento poderão encontrar paralelo com o *sbiggottimento*, a *donna schermo*, o *gab*, o *amor de loing* e outras situações da *Vita nova*. Trata-se contudo de etapas associadas a uma forma de amar imperfeita porque ligada aos sentidos, a *passio*. São superadas no âmbito do itinerário perfectivo, exemplar e de aprendizagem plenamente assumido pelo amante e que lhe permite ascender a estádios sucessivamente mais gratificantes. Arima vive na corte real, Beatrice supera os códigos cortesões e respira com a cidade que a vê passar pelas suas ruas, dimanando beatitude. Se o amante da *Vita nova*, numa primeira fase, se dá conta que a sua felicidade está “In quelle parole che lodano la donna mia” (10. 8, pp. 89-90), a obra encerra-se com o soneto da contemplação luminosa, *Oltre la spera che più larga gira* (30. 10-13, pp. 228-230). Aliás, Dante vai decodificando muitos dos símbolos a que recorre, em particular os numéricos. Diferentemente, o clima rarefeito da *Menina e moça* salda-se por um envolvimento críptico que se abate sob o peso da tristeza e da fatalidade, abafando aspirações perfectivas ou gratificantes que sejam e resistindo à perscrutação. Mostra-o o uso do verbo *parere/parecer* nos dois textos. Na *Vita nova*, nomeadamente no citado *Tanto gentile e tanto onesta pare*, não significa parecer ou aparecer mas antes o facto de Beatrice se manifestar na sua evidência¹¹, ao passo que no episódio de Avalor e Arima está a envolver a história dos dois amantes numa trama densa e misteriosa¹². Arima “[...] he tanto do outro mudo, que nam he pera ninguem se namorar della” (fl. LXVIII v). A que outro mundo pertence, não é dito. A coincidência com a expressão que corre desde Homero apenas recobre o segmento formulado negativamente, “nam eram de cousa mortal”. Mas esse mundo não será com certeza o universo redentor de Beatrice.

⁹ As semelhanças foram notadas por JOSÉ VITORINO DE PINA MARTINS no estudo introdutório à edição citada, pp. 91-92. Cit. *Chronica do Emperador Clarimundo, donde os reis de Portugal descendem*, Lisboa, Typographia Rollandiana, 1843, vol. 1, p. 256.

¹⁰ *Ib.*, p. 11.

¹¹ Cf. GIANFRANCO CONTINI, “Esercizio d’interpretazione sopra un sonetto di Dante” [1947], *id.*, *Varianti e altra linguistica. Una raccolta di saggi (1938-1968)*, Torino, Einaudi, 1970, pp. 161-168.

¹² Faz parte daquela condição espectral evocada por HELDER MACEDO em *Viagens do olhar. Retrospecção, visão e profecia no Renascimento português*, Porto, Campo das Letras, 1998, pp. 325-334.

Petrarca, por sua vez, trabalha esse contraponto entre humano e divino com grande subtileza em vários passos: “Non uman veramente, ma divino/ lor andare era, e lor sante parole” (*Triumphus mortis* 1. 22-23)¹³; “Non era l’andar suo cosa mortale,/ ma d’angelica forma, et le parole/ sonavan altro che pur voce humana” (*Canzoniere* 90. 10-11, *Erano i capei d’oro a l’aura sparsi*)¹⁴; “cuius nec vox nec oculorum vigor mortale aliquid nec incessus hominem representat” (*Secretum* 3)¹⁵. Bastaria a evocação através da memória de uma figura feminina que anda envolta no véu de um tempo pretérito para conferir a estes passos uma profunda carga emocional. No *Triumphus mortis* e no Cancioneiro, Petrarca retoma a correlação *non [...] ma*, num contraponto entre humano e divino que tem por referência o citado soneto da *Vita nova*, *Tanto gentile e tanto onesta pare*, no qual é louvada uma Beatrice que caminha pelas ruas da cidade.

Nesse quadro, há também a considerar dois excertos da *Eneida* que se aproximam dos versos de Homero, com a particularidade de os terem transportado para o campo da descrição da figura feminina, associando-lhes marcas de sensualidade. Quer isto dizer que ao filão interpretativo que se expande em direcção ética, com Aristóteles, e em direcção teológica, com Alberto Magno, há a acrescentar um outro, que se abre a partir do Virgílio da *Eneida*, integrando-se no modo lírico. Quando Eneas aporta à costa africana e está prestes a entrar em Cartago, depara com uma Vénus disfarçada de caçadora, e sem saber quem ela é, exclama: “o, quam te memorem, uirgo? namque haud tibi uoltus/mortalis, nec uox hominem sonat; o, dea certe” (*Æn.* 1. 327-328). O outro excerto, “[...] pedes uestis defluxit ad imos/et uera incessu patuit dea. [...]” (*Æn.* 1. 404-405), liga-se ao seu reconhecimento. A situação dialogal homérica inverte-se, com o filho de Vénus que não reconhece a própria mãe, a deusa.

Ora, nos passos de Petrarca citados, do *Triumphus mortis*, do Cancioneiro e do *Secretum*, bem como no primeiro excerto da *Eneida* transcrito, faz-se referência à voz e às palavras, que não são de um mortal. Também Bernardim Ribeiro se lhes refere, especificando: “a sua fala e o toõ della soava doutra maneira que voz humana” (cit. fl. lvi). Nem a criatura que enleva Petrarca é “cosa mortale” (90. 9), nem Arima o é. Mas à personagem da *Menina e moça* não é atribuída a “angelica forma” de *Erano i capei d’oro a l’aura sparsi* (90. 12). À “[angelica] forma” do soneto de Petrarca, serve de contraponto a “[nam eram de] *cousa* mortal” de Bernardim, com as correlativas implicações aristotélicas¹⁶.

Boccaccio, por sua vez, mostra uma particular predilecção pela expressão, que continua a usar em várias das suas obras com referência à figura feminina para caracterizar um leque de comportamentos e situações bastante diversificado. Três delas foram escritas durante o período em que estanciou em Nápoles e frequentou a corte de Roberto de Anjou, o *Filocolo*, o *Filostrato* e o *Teseida*.

Do *Filocolo*, narrativa em prosa que conta os amores de Florio e Bianciflore, há três passos a assinalar. O primeiro tem especial significado. Declina no feminino a

¹³ Ed. MARCO ARIANI, Milano, Mursia, 1988, p. 236, comentário *ad loc.*

¹⁴ Ed. MARCO SANTAGATA, Milano, Arnaldo Mondadori [1996], 2006, p. 441. Ver o comentário *ad loc.* desta edição, bem como da de ROSANNA BETTARINI, Torino, Einaudi, 2005, vol. 1, pp. 436-439.

¹⁵ Ed. GUIDO MARTELOTTI, *Prose*, Milano, Napoli, Riccardo Ricciardi, 1955, p. 136.

¹⁶ Sobre o sentido desses conceitos na lógica aristotélica e depois em Camões: BARBARA SPAGGIARI, “Algumas observações sobre o soneto *Transforma-se o amador na cousa amada*”, *Comentário a Camões. Vol. 1. Sonetos*, ed. Rita Marnoto, Lisboa, Cotovia / Centro interuniversitário de estudos camonianos, 2012, pp. 223-252, em particular pp. 223-230.

expressão homérica: “[...] per le sue notabili bellezze e opere virtuose più volte fece pensare a molti che non d’uomo ma di Dio figliuola stata fosse” (1. 1)¹⁷. Lê-se nas primeiras páginas da obra, nas quais o autor conta como se enamorou de uma jovem chamada Maria, que viu na Igreja de San Lorenzo e diz ser bastarda do rei Roberto. Ora, se as letras do nome de Arima são as mesmas do de Maria, também a personagem de Bernardim Ribeiro é filha de um cavaleiro que detém uma elevada posição e de uma dama, sem que o seu amor tenha enquadramento social. O segundo apresenta duas jovens que esperam Florio num belíssimo jardim para o seduzirem e “[...] per più leggermente passare il rinascimento dell’attendere, incominciarono a cantare una amorosa canzonetta con voce tanto dolce e chiara, che più tosto d’angioli che d’umane creature pareva” (3. 11). Retoma a correlação usada por Petrarca na variante “più tosto [...] che”, tal como na citação que se segue, e o tema da excelência do canto, num quadro pleno de sensualidade. O terceiro encerra um lamento do próprio autor: “Niuna consolazione sarà mai a me di tal fallo, pensando che una giovane, la quale io più tosto angelica figura che umana creatura riputava, con falso riguardamento m’abbia legato il cuore con indissolubile catena, e ora di me si ride, contenta de’ miei mali” (4. 35). Insere-se numa enumeração de exemplos de malvezes feminina dotada de intuítos declaradamente misóginos. Entra em polémica, pois, com aquele filão pioneiro que a partir de Dante transvasara a expressão para o domínio da lírica moderna a fim de realçar capacidades e dotes femininos de excepcional valor. Na poesia do *dolce stil novo*, o carácter angélico de uma mulher que é *speculum Christi* manifesta-se de forma evidente através da sua aparência. Mas também as aparências podem enganar, conforme já o advertia a doutrina dos *phantasmata* de Santo Agostinho, o crítico de Hermes de Trismegisto. Bem o nota a personagem chamada Augustinus, no *Secretum* de Francesco Petrarca, quando recorda ao seu interlocutor, Franciscus, que “Etiam pulcra turpiter amari posse certum est”¹⁸. A poética do *dolce stil novo* fora superada por Petrarca, ao pôr em causa a possibilidade de uma mediação entre terreno e divino através da mulher. Pondera-o duramente Augustinus, condenando o fundo pecaminoso que subjaz a uma tal possibilidade: “Ab amore celestium elongavit animum et a Creatore ad creaturam desiderium inclinavit”¹⁹.

No *Filostrato*, composição narrativa em oitavas decassilábicas, as primeiras da literatura moderna, que conta a história troiana de Troilo e Criseida, quando Criseida se desculpa perante a personagem chamada Ettore pelos erros do pai, “sì bella e sì angelica a vedere/era, che non pareo cosa mortale” (1. 11. 4-5), a confrontar com a “cousa mortal” de Bernardim Ribeiro. Mais adiante, quando Troilo se enamora de Criseida, confessa ao deus Amor que ele o possui, pois é servidor “non so s’io dica a donna ovvero a dea” (1. 38. 5).

Quanto ao *Teseida*, um poema em oitavas, tal como a *Eneida* dividido em doze livros, que conta uma história de amor e guerra cujo pano de fundo é a cidade de Tebas, há a assinalar o passo: “più tosto celestiale che umana figura esser con meco delibero”. Essa figura é a destinatária da obra, Fiammetta, e a referência encontra-se na dedicatória em prosa com que o *Teseida* se abre. Retoma a formulação “più tosto [...] che”, já usado no *Filocolo*.

¹⁷ Todas as citações disponíveis em <http://boccaccio.letteraturaoperaomnia.org/index.html> (consultado em Agosto de 2012).

¹⁸ Cf. 3, p. 136.

¹⁹ Cf. 3, p. 146.

Além disso, na sétima novela da segunda jornada do *Decameron*, sobre Alatiel, filha do Sultão da Babilónia e noiva do Rei do Garbo, Boccaccio escreve que mal o belo e jovem Duque de Atenas a viu, “[...] appena seco poteva credere lei essere cosa mortale”, no modo afirmativo e sem fazer referência a uma instância divina. Alatiel é pagã e ela e o Duque não têm qualquer língua de comunicação em comum. Este, arrebatado por uma violentíssima paixão, quer possuí-la a todo o custo. Consegue-o a preço de dois assassinatos. A beleza de Alatiel, desligada de um valor sublime, tem algo de excessivo na sua corporalidade, gerando sucessivas brigas e tragédias, até que consegue regressar à Babilónia e depois casar com o Rei do Garbo como se fosse impoluta.

A terminar, o uso que da expressão é feito nas *Rime*: “Quel dolce canto col qual già Orfeo/ [...] / sarebbe scarso a commendar costei,/ le cui bellezze assai più che mortali/ e i costumi e le parole sono” (8.1, 9-11). A superioridade relativamente ao plano do mortal é formulada na afirmativa, mas o enquadramento mitológico da composição não comporta remissões para o plano do divino, deixando lugar ao tema do inefável.

Na paisagem literária que fomos percorrendo, sobressai claramente um ponto de relevo no quadro da literatura moderna europeia: a mulher-anjo da *Vita nova*, apresentada com as mesmas palavras de Homero, já anteriormente citadas por Aristóteles e por Alberto Magno. A partir de Petrarca, passa-se a uma outra vertente, com o reconhecimento de um amor que é ao mesmo tempo terreno e divino, rasgando a incolmatável fractura entre duas formas de amar. A corrente moralista que de Aristóteles se estende até Santo Agostinho, ao mesmo tempo que combate todas as ilusões dos sentidos, ensina que o verdadeiro amor é *caritas*. Mas a assunção do humano é também a das debilidades daquela mesma *passio* que nos versos de Virgílio transborda dos encantos da deusa citereia. O fortalecimento das torrentes que brotam de ambos os filões, *caritas* e *passio*, não pode deixar de aumentar o impacto da sua confluência. Irremediavelmente, a estação do *dolce stil novo* conclui-se nas primeiras décadas do século XIV. A partir daí, o campo que Boccaccio encontra perante os seus olhos é terreno livre para todas as intersecções.

É nesse quadro que se inscreve Arima, a personagem da *Menina e moça*, uma personagem que é por si uma paisagem literária. A aura de mistério que a envolve é também a dessa paisagem que descreve séculos e séculos de literatura, e o seu fascínio é também o do percurso pelos *loca* de derivação homérica colocados perante os nossos olhos.

Este trabalho homenageia um colega e amigo que ao longo do seu percurso intelectual tem vindo não só a investigar as raízes antigas das literaturas modernas, mas também a transportar para o nosso tempo autores de outras épocas, despertando nos seus leitores o gosto pelo diálogo entre a cultura antiga e as letras modernas.

El influjo de Juan Luis Vives en Juan Lorenzo Palmireno: ¿*Codex Exceptorius* o *Codex Excerptorius*?*

JOSÉ MARÍA MAESTRE MAESTRE
Universidad de Cádiz
josemaria.maestre@uca.es

Introducción

En un reciente trabajo hemos hecho ver que fue *codex excerptorius* y no *codex exceptorius* el nombre del cuaderno de hojas en blanco que el humanista Juan Luis Vives recomendó a los estudiantes de la lengua latina que preparasen dividiéndolo en determinadas secciones temáticas, de suerte que pudieran apuntar en él después, de forma ordenada y haciendo constar con la mayor brevedad su localización o cualquier otro aspecto de interés, los vocablos, expresiones, máximas, proverbios, historias, etc. que o bien les dictaban sus profesores o bien, lo que era mucho más importante, habían escudriñado ellos mismos a lo largo de sus obligatorias y pausadas lecturas de los autores importantes. Nuestra investigación ha puesto de relieve que, aunque el humanista valenciano escribe sobre la forma de preparar y de las distintas modalidades de ese cuaderno en otras obras suyas, sin embargo, fue en el diálogo XIV, titulado *Cubiculum et lucubratio*, de la *Linguae Latinae exercitatio* donde creó el *hápax legómenon* que a la postre fue corregido erróneamente en ese *codex exceptorius* que cobró vida, ya durante la segunda mitad del s. XVI, en el ámbito filológico de la universidad y en el mundo de las órdenes religiosas¹.

* El presente trabajo forma parte del Proyecto de Investigación FFI2012-31097 de la DGICYT y del Proyecto de Excelencia de la Junta de Andalucía P09-HUM-4858. Agradecemos al Dr. D. Juan Gil, nuestro querido maestro, la gran ayuda que nos ha prestado durante su preparación. Le damos las gracias igualmente a la Dra. Dña. Sandra Ramos Maldonado por su atenta lectura de nuestro original. Dedicamos este artículo al Dr. D. Arnaldo do Espírito Santo en reconocimiento de su valiosa trayectoria científica en el campo de la Filología Clásica.

¹ Cf. J. M.^a MAESTRE MAESTRE, "Nota de crítica textual a la *Linguae Latinae exercitatio* de Juan Luis Vives: ¿*codex excerptorius* o *codex exceptorius*?", *Humanistica Lovaniensia*, LXII, 2013, pp. 295-339.

presidiram à sua elaboração, e dando particular atenção à identificação e estudo das unidades linguísticas e semânticas que o estruturam” (p. 1).

A situação cronológica dos autores, desde a época clássica até à Idade Média, mostra que a realidade histórica romana é entendida como uma unidade: o estudo do latim não fica preso a uma visão sincrónica, mas possibilita ao aluno ficar com uma perspectiva diacrónica de uma língua falada durante séculos. O estudante fica capacitado para ler, de forma proficiente, textos de qualquer época em que o latim foi uma língua produtiva. Além disso, essa variedade conduz ao estudo de fenómenos fonéticos verificados ao longo da história do latim, sem esquecer a evolução para as línguas românicas.

Esse cuidado com a dinâmica histórica do sistema linguístico latino surge atestado na selecção de bibliografia, onde pontificam autores como Faria (*Gramática Superior da Língua Latina*), Palmer (*The Latin Language*), Dangel (*Histoire de la langue latine*), Niedermann (*Phonétique historique du latin*), Ernout (*Morphologie historique du latin*) ou Martin (*Les mots latins*). Verificando os guias do Departamento de Estudos Clássicos nos primeiros anos do século XXI, estes autores, e a inestimável *Syntaxe Latine* de Ernout-Thomas, serão sempre apontados na bibliografia do programa para este nível de aprendizagem.

Curioso notar que nos programas da autoria do Professor Arnaldo do Espírito Santo não há uma única referência a um dicionário de Latim: nem Gaffiot, nem *Oxford Latin Dictionary*, nem mesmo o dicionário etimológico de Ernout e Meillet... Talvez porque o Professor entende que o aluno deve ser independente do dicionário, pois antes de chegar à tradução do texto com essa ferramenta, é importante tentar encontrar a sua chave a partir de expressões que já sejam familiares. A metodologia de estudo dos textos supõe assim três fases. Uma introdutória (contextualização do texto, autor, género e especificidades estilísticas) e outra que supõe uma “leitura funcional”. Finalmente, a tradução mediante o uso de dicionário. A terceira fase implica, deste modo, um trabalho individual, enquanto as duas anteriores são formas de tratamento do texto em aula. Este é o método que se expõe na “Introdução” da obra *Sic Mediatur*.

Ao longo de décadas, o Professor Arnaldo leccionou vários níveis de Latim no Departamento de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Durante os anos em que tivemos o privilégio de ser seus alunos, pudemos testemunhar as suas qualidades de latinista e filólogo. Aprendemos com ele que “o latim é uma língua viva em transformação desde os seus primórdios indo-europeus até à mais recente transformação operada em qualquer das línguas românicas” (p. 4). Nos seus programas, encontramos as preocupações de um humanista, para quem a “consciência dos problemas éticos e espirituais da humanidade do nosso tempo” (p. 85) é uma preocupação moderna. O estudo do latim subordina-se, desta maneira, ao serviço da humanidade. Esta é a lição que todos os dias aprendemos com o Professor Arnaldo do Espírito Santo.

ÍNDICE

<i>De amicitia loquamur</i>	5
MARIA CRISTINA PIMENTEL, PAULO F. ALBERTO	
Tabula Gratulatoria	9
<i>Curriculum uitae</i> de Arnaldo Monteiro do Espírito Santo	25
Contribuições de Arnaldo do Espírito Santo para o estudo da História	59
JOSÉ MATTOSO	

Secção I – Antiguidade Pré-clássica e Clássica

Em volta da <i>Eneida</i>	65
MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA	
O sentido de <i>Dike</i> no poema <i>Trabalhos e Dias</i> de Hesíodo	75
JOAQUIM PINHEIRO	
Aríon e o golfinho. Notas sobre a construção de uma lenda	85
CRISTINA ABRANCHES GUERREIRO	
O banho de Aquiles nas águas do Estige. Reflexão breve sobre a origem e fortuna de um tema clássico	93
LUÍSA DE NAZARÉ FERREIRA	
Variações rítmicas no trímetro sofocliano: dos <i>stiphe</i> com palavras-chave	103
CARLOS MORAIS	
Lirismo a metro ou nova estética euripídiana? As Odes Corais de <i>Fenícias</i>	111
SOFIA FRADE	
As leis comuns dos Helenos nas <i>Suplicantes</i> de Eurípides	123
JOSÉ RIBEIRO FERREIRA	
Apolónio de Rodes 4.1-5: uma teia de sentidos	133
ANA ALEXANDRA ALVES DE SOUSA	
O crime político das mulheres de Lemnos. De Apolónio de Rodes a Valério Flaco	143
FRANCISCO OLIVEIRA	
Zeus nos <i>Fenómenos</i> de Arato: um deus democrata?	157
FOTINI HADJITTOFI	

Utopia, paradoxografia e tradição literária nos <i>Incredibilia de Thule Insula</i> de António Diógenes	165
JOSÉ CARLOS ARAÚJO	
As jogadas de Sólon e a esperteza dos Atenienses: Plutarco e o uso irónico da teatralidade e das metáforas na <i>Vita Solonis</i>	175
DELFIN F. LEÃO	
O recém-nascido em Sorano de Éfeso	187
CRISTINA SANTOS PINHEIRO	
La "patria" romana	195
CARMEN CODOÑER	
<i>Oblitus factorum</i> : memória e esquecimento na <i>Eneida</i>	203
VIRGÍNIA SOARES PEREIRA	
Aspectos da construção da viagem na <i>Eneida</i> de Virgílio: <i>fatum</i> , conhecimento, incidente e obstáculo	215
CLÁUDIA TEIXEIRA	
Herodes-o-Grande na <i>Eneida</i> ? Nota a Verg. <i>Aen.</i> 8.642-645	221
NUNO SIMÕES RODRIGUES	
Ercole, fra Antonio e Augusto (Prop. 4,9)	229
PAOLO FEDELI	
Tiempo mítico y espacio real en la poesía ovidiana del destierro	239
CARLOS DE MIGUEL MORA	
<i>Aliquid Magnum</i> : a "épica" de Marcial	247
ANA MARIA LÓIO	
Pertinenza della similitudine del Nilo con la siccità della Argolide. Intertestualità, paradosografia e scoliastica nel quarto libro della <i>Tebaide</i> di Stazio	255
CARLO SANTINI	
A possibilidade da liberdade humana nos <i>Anais</i> de Tácito	265
ANTÓNIO DE CASTRO CAEIRO	
<i>Epicharis quaedam</i>	275
MARIA CRISTINA PIMENTEL	
O destino e a história nas <i>Vidas dos Césares</i> de Suetónio	285
JOSÉ LUÍS LOPES BRANDÃO	
A ética religiosa e social na Assíria (I milénio a.C.)	297
FRANCISCO CAMELO	
O ocaso do Império Ateniense. A batalha por Siracusa 415-413 a.C.	301
JOSÉ VARANDAS	
As cerimónias de coroação real dos Ptolomeus. Formas de reconfiguração política num país multimilenar	307
JOSÉ DAS CANDEIAS SALES	
Sobre a data da introdução do culto de Mitra em Roma	317
PAULO SÉRGIO MARGARIDO FERREIRA	

Em torno da versão portuguesa dos etnónimos do Ocidente peninsular e do nome dos <i>Zoelae</i> em particular	329
AMÍLCAR GUERRA	
Ptolomeu, <i>Geogr.</i> II 5, 6: XPHTINA ou *APHTINA?	343
JOSÉ CARDIM RIBEIRO	
Algumas considerações sobre a onomástica romana na região de Olisipo: os <i>Fabricii</i>	381
MARIA MANUELA ALVES DIAS	
CATARINA GASPAR	
Escavando entre papéis: sobre a descoberta, primeiros desaterros e destino das ruínas do teatro romano de Lisboa	389
CARLOS FABIÃO	

Secção II – Antiguidade Tardia e Idade Média

How to read (and even understand) Cetus Faventinus VI, 4	413
DAVID PANIAGUA	
<i>Los De (sancta) Trinitate de Isidoro de Sevilla</i>	419
MARÍA ADELAIDA ANDRÉS SANZ	
O poema astronómico do Rei Sisebuto	427
PAULO FARMHOUSE ALBERTO	
<i>Barbarismus y soloecismus</i> en el <i>Liber Glossarum</i>	437
JOSÉ CARRACEDO FRAGA	
Apostilla a la composición del códice Paris, BnF, latin 11219	447
MANUEL E. VÁZQUEZ BUJÁN	
O legado de Constantino na identidade da Europa cristã: dois casos de estudo	455
PAULA BARATA DIAS	
Observaciones iconográficas y filológicas al sarcófago paleocristiano (c. V) de Écija (Antigua Astigi, Sevilla)	465
ÁNGEL URBÁN	
<i>Passio</i> de São Sebastião: o poder do discurso martirológico	481
MARIA JOÃO TOSCANO RICO	
Existiram Suevos entre os reis Remismundo e Teodomiro?	491
RODRIGO FURTADO	
El culto a San Benito en Galicia	507
MANUELA DOMINGUEZ	
O culto de S. Tomás de Cantuária em Portugal: um manuscrito de Lervão como testemunho e outros indícios	517
AIRES A. NASCIMENTO	

Secção III – Do Renascimento ao Século XVIII

Cuidado da alma e poética da solidão em Francisco Petrarca	537
LEONEL RIBEIRO DOS SANTOS	

D. Duarte, a prudência e a sabedoria	551
† TERESA AMADO	
Isaac Abravanel vulto da cultura luso-judaica quatrocentista	557
SAUL ANTÓNIO GOMES	
Consonância e Proporção na Arte de Edificar: do Mundo Antigo ao Mundo Moderno	563
† VÍTOR MANUEL FERREIRA MORGADO	
Sêneca Revisitado: A Tragédia Quinhentista	575
NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES	
Uma carta de Jacques Peletier a Pedro Nunes	589
BERNARDO MOTA	
HENRIQUE LEITÃO	
Marcelo Virgílio e Amato Lusitano: a utilização do saber alheio para a lenta construção de um saber próprio (breves indicações)	601
JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO	
Fernando Oliveira e Louis Meigret: humanistas, gramáticos e tradutores de Columela	611
ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE	
<i>Plus ultra e Sphaera Mundi</i> . A propósito do termo <i>imperium</i> em Damião de Góis. Para uma abordagem contrastiva dos humanismos peninsulares	619
ANA MARÍA SÁNCHEZ TARRÍO	
Fernão Mendes Irmão Noviço	631
LUÍS FILIPE BARRETO	
<i>Loca multum ante descripta</i> . Sobre um passo da <i>Menina e moça</i>	653
RITA MARNOTO	
El influjo de Juan Luis Vives en Juan Lorenzo Palmireno: ¿ <i>Codex Exceptorius</i> o <i>Codex Excerptorius</i> ?	661
JOSÉ MARÍA MAESTRE MAESTRE	
Un caso peculiar de recepción de la obra de Jerónimo	683
M. ^a ELISA LAGE COTOS	
JOSÉ M. DIAZ DE BUSTAMANTE	
Percurso histórico do códice seiscentista do <i>Livro que fala da boa vida</i>	699
ANTÓNIO MANUEL RIBEIRO REBELO	
Luís da Cruz no elogio da Rainha Santa: em defesa de Roma, contra os ventos da Reforma	707
MANUEL JOSÉ DE SOUSA BARBOSA	
<i>Mores qualitas fabulae</i> . Acerca de la función de los caracteres trágicos en la <i>Poética</i> de J.C. Escalígero	717
MARÍA NIEVES MUÑOZ MARTÍN	
JOSÉ A. SÁNCHEZ MARÍN	
A Expressão das Relações de Poder no Prólogo da <i>Écloga Gérion</i> de Lucas Pereira	727
JOSÉ SÍLVIO MOREIRA FERNANDES	
Vis & vis viva	735
RICARDO LOPES COELHO	
Camões e Vieira, na senda de Ovídio	745
CARLOS ASCENSO ANDRÉ	

Censura de alguns sermões no processo inquisitorial de Vieira	755
MARIA LUCÍLIA GONÇALVES PIRES	
“As leis da boa e verdadeira retórica”	761
ISABEL ALMEIDA	
O Sermão do Padre António Vieira sobre Santo Agostinho (Lisboa, 1648), com um aceno a Daniel Faria	769
MÁRIO GARCIA, SJ	
Vieira, consciência crítica da Monarquia Restaurada	777
JOSÉ NUNES CARREIRA	
Narratividade mítica da História segundo a epistemologia apocalíptica	787
JOSÉ AUGUSTO RAMOS	
Alexandre Magno no imaginário futurista do Padre António Vieira	795
ABEL N. PENA	
Roma, 1641: Uma Síntese Argumentativa da Restauração	805
ANDRÉ SIMÕES	
Um “ <i>curioso de mãos</i> ”: Tomás Pereira, artífice na Corte de Kangxi (1673-1708)	817
CRISTINA COSTA GOMES	
ISABEL MURTA PINA	
Sobre o ensino dos Jesuítas e o caminho para a descoberta das ciências	825
MARGARIDA MIRANDA	
Os jesuítas no Japão, precursores do mundo global	835
CARLOTA MIRANDA URBANO	
Função e intenção na correspondência enviada pela Rainha D. Mariana Vitória (1718-1781) a seus pais e a seu irmão D. Fernando	843
VANDA ANASTÁCIO	

Secção IV – Do Século XIX aos Nossos Dias

<i>O Discurso histórico e crítico...</i> , de D. Francisco Alexandre Lobo: um olhar diferente sobre a vida e a obra de Vieira	859
ANA PAULA BANZA	
Vieira, Pascoaes e o Quinto Império	869
MANUEL CÂNDIDO PIMENTEL	
Partes da 1. ^a representação de <i>Frei Luís de Sousa</i> , de Almeida Garrett	877
JOÃO DIONÍSIO	
Literatura: uma escola da vida	887
MARIA DO CÉU FRAGA	
Vinte horas de leitura: como se fazem romances?	893
HELENA CARVALHÃO BUESCU	
A música dos versos – Litanias finisseculares e contemporâneas	901
PAULA MORÃO	
Pedro e Inês sob o signo do burlesco	915
MANUEL FERRO	

A sedução impressionista de Walter Pater	933
TERESA DE ATAÍDE MALAFAIA	
Coimbra. O mito da juventude no imaginário de Vergílio Ferreira	939
MARIA DO CÉU FIALHO	
Filoctetes no Atlântico. Comentários a <i>The Cure at Troy</i> , de Seamus Heaney	949
HELENA DE CARLOS	
O ponto de vista lutuoso em literatura. O caso de <i>Necrophilia</i> , de Jaime Rocha	957
MANUEL FRIAS MARTINS	
A Vida Moderna de um Conceito Antigo: Democracia em Portugal no Século XIX	965
RUI RAMOS	
“Meninas prendadas” e “fêmeas ambiciosas”: Portugal, Cajal e o papel da mulher na investigação biológica na primeira metade do século XX	989
JOSÉ PEDRO SOUSA DIAS	
O que falta ao mundo de hoje, Humanismo ou Teocracia?	1009
RAUL MIGUEL ROSADO FERNANDES	
O tempo do desejo	1017
MANUEL J. CARMO FERREIRA	
Ideologia, ideologia. Uma nótula cursiva	1023
JOSÉ BARATA-MOURA	
À <i>Mesa da Vida</i> . Comunidade e comensalidade em Michel Henry	1035
JOSÉ MARIA SILVA ROSA	
Novamente a(s) Literatura(s), a(s)Arte(s) e a(s) Ciência(s). Apontamentos para um Projecto de Estudo Comparativo	1047
ALCINDA PINHEIRO DE SOUSA	
A língua portuguesa e o relativismo linguístico	1051
INÊS DUARTE	
Análise Crítica do Discurso: dimensões teóricas e metodológicas	1059
CARLOS A. M. GOUVEIA	
Português para Fins Académicos: o que conta na produção do significado?	1073
ANTÓNIO AVELAR	
<i>Meminimus quae placidum nobis paruis Arnaldum dictae</i> ou como o latim se tornou clarinho	1087
ANA FILIPA ISIDORO DA SILVA	
RICARDO NOBRE	

